

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS POSSÍVEIS LEITURAS DE UM TEXTO: UM REPENSAR SOBRE O TRABALHO COM AS CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS

Marcos Antônio da Silva¹

RESUMO

Considerando a importância da leitura na vida das pessoas e, mais do que isso, a independência que o ato de ler pode permitir aos sujeitos inseridos na sociedade, temos por objetivo, neste texto, apresentar uma discussão sobre como um novo olhar sobre as conjunções adversativas, auxiliado pela Teoria Polifônica da Enunciação, pode auxiliar no trabalho com o ensino de leitura de textos diversos. Naturalmente, a percepção dessa relação intrínseca tem sua relevância destacada quando entendemos que na estrutura da língua há elementos que funcionam orientando os leitores para certos direcionamentos argumentativos, o que significa dizer que quando há a identificação da presença da polifonia no momento de leitura, a realização desta passa a ser, de fato, realizada de forma satisfatória. Para tal empreendimento, lançamos mão do arcabouço teórico proposto por Ducrot (1987, 1988), Bakhtin (1997, 2000), Geraldi (1997) dentre outros autores que subsidiarão a nossa reflexão. Assim, nossa discussão incidirá sobre a análise de cinco textos diversos, com as respectivas análises e os nossos posicionamentos, apoiados na teoria em tela, sobre como o trabalho com as conjunções adversativas podem propiciar um ensino de Língua Portuguesa que seja realmente interessante para os discentes, diferente do formato apresentado por muitos manuais didáticos, quando só dizem que as conjunções adversativas têm a função de unir orações com sentidos contrários. Conforme nossas análises e discussões apresentaram, a presença das conjunções adversativas nos textos tem uma função argumentativa, um objetivo por parte do produtor do texto e, por isso, orienta o enunciado para determinadas conclusões e, mais do que isso, essas conjunções põem em cena outras vozes que quando são identificadas pelo leitor do texto, possibilitam um melhor entendimento sobre o texto lido. Assim, entendemos ser de extrema importância aliar a Teoria Polifônica da Enunciação com o ensino de leitura.

Palavras-chave: Conjunções adversativa, Leitura, Argumentação, Ensino.

INTRODUÇÃO

Conhecer uma língua e utilizá-la de forma eficiente é conhecer seus recursos e estratégias de usos bem como sua plasticidade quando da exigência de utilização nos diferentes contextos sociais. Logo, pensar em ensino de língua é também re-pensar a concepção de linguagem que se está levando para a sala de aula.

Assim, cotidianamente, precisamos usar, seja na modalidade escrita seja na oral, os recursos disponíveis na nossa língua para que possamos atingir/conseguir nossos objetivos, com base nas nossas intenções, quando dos momentos de interação com outros indivíduos.

¹ Doutor em Linguística (UFPB) e professor de Língua Portuguesa no IFPB - Picuí: marco_sil2@hotmail.com.



Como bem afirma Koch (2004, p. 17), o ato de argumentar é o ato de “[...] orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo”. Assim, é importante destacar que “[...] a neutralidade é apenas um mito: discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade”.

Com base no que afirma essa autora, é pertinente concluir que todos os nossos discursos estão plenos de intenções por parte de quem os enuncia e que é justamente nos momentos de interação com o outro, que nossos objetivos vêm à tona. Podemos então afirmar que argumentar é um ato que se pratica cotidianamente, pois seja na escola, seja no trabalho, na fila do supermercado, seja no convívio familiar, seja no momento da compra de um produto, as pessoas estão sempre em uma guerra querendo mostrar seus argumentos em prol de um resultado que lhes seja satisfatório.

Dessa forma, constitui objetivo nosso, neste estudo, analisar o funcionamento semântico-argumentativo da palavra *mas* em produções textuais de alunos egressos do ensino médio. Os textos foram produzidos durante o PSS (Processo Seletivo Seriado-2009), da Universidade Federal da Paraíba, quando do momento da realização da prova de redação.

Nosso corpus é constituído de 139 redações, no entanto, por motivo de espaço, trouxemos para nossa análise apenas sete textos.

POSTULADOS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

A Teoria da Argumentação proposta por Ducrot (1988) e Ducrot e colaboradores (1994) percebe a argumentação como algo inerente à língua. Essa concepção está vinculada ao fato destes linguistas verificarem que na significação de determinados enunciados, há orientações de natureza argumentativa. De acordo com esses estudiosos, essa teoria tem “[...] como principal objetivo se opor à noção tradicional de sentido” (1988, p.49). Para tal oposição foram traçadas algumas considerações a respeito da noção de sentido.

Segundo Ducrot (1988) a noção tradicional de sentido afirma que um enunciado apresenta três indicações de sentido: objetivas (com a função de descrever algo da realidade), subjetivas (revela a intenção do falante), e intersubjetivas (o efeito



provocado pelo falante nos interlocutores). Para explicar sua crítica a essa noção, Ducrot (1988, p. 50) traz o enunciado “Pedro é inteligente”.

Nesse enunciado, o sentido objetivo é a descrição de uma realidade, no caso Pedro; o subjetivo é a intenção do falante ao mostrar admiração por Pedro e o intersubjetivo é o que o falante espera causar no seu interlocutor, ou seja, que o outro pode confiar em Pedro.

Assim, para Ducrot (1988), se a realidade é descrita através da linguagem, essa forma de descrevê-la se dá por meio dos aspectos subjetivos e intersubjetivos. A junção desses aspectos é considerada por esse autor como o valor argumentativo dos enunciados.

Dessa forma, de acordo com Koch (2004, p. 17), “[...] a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”. Essa interação – ação verbal – é marcada por uma intenção, pois quem fala tem um objetivo para com o outro, seja para prender sua atenção, convencer o outro a fazer algo, opor-se ao outro ou impor seu ponto de vista, sobre o outro. Assim, pode-se dizer que argumentar é orientar o discurso tendo em vista uma conclusão pré-determinada. Os operadores argumentativos são, portanto, elementos linguísticos que têm a função de orientar os enunciados para determinadas conclusões.

Os estudos sobre a argumentação empreendidos por Ducrot (1988) apresentam ainda o conceito de *polifonia* na língua. Esse termo foi utilizado, originalmente, para se referir a um tipo de composição musical na qual ocorre uma superposição de vozes.

Nos estudos literários, esse termo foi usado pelo teórico russo Mikhail Bakhtin (1997) para diferenciar dois tipos de literatura: a *literatura dogmática* e a *literatura polifônica* ou *carnavalesca*. A literatura dogmática ocorre quando há a presença de apenas uma única voz ou ainda quando o autor decide/julga o pensamento da personagem. Como exemplo desse tipo de literatura o estudioso propõe o *ensaio* e a *exposição teórica*. Já a literatura polifônica ou carnavalesca ocorre quando os inúmeros personagens existentes, no romance, por exemplo, apresentam-se por si mesmas, ou seja, têm vidas próprias. Para esse autor, encontramos exemplo de literatura polifônica na obra de Dostoiévski.

O termo *polifonia* é utilizado por esse autor com o intuito de mostrar que no interior dos enunciados há a presença de outras/várias vozes, chamadas também de pontos de vista ou enunciadores. O autor afirma ainda que seu objetivo, ao apresentar a



noção de polifonia na linguística, é o de quebrar com a crença que existe em torno da “unicidade do sujeito”.

Essas breves considerações sobre a polifonia se fizeram necessárias, uma vez que ao longo desse estudo, e de nossa análise, nos deparamos com enunciados que apresentaram a estrutura *masPA* que, conforme Ducrot (1988), possui índice de polifonia.

A PALAVRA *MAS* COMO OPERADOR ARGUMENTATIVO

Definidas e apresentadas tradicionalmente como “[...] palavra invariável que liga duas orações ou dois termos que exercem a mesma função sintática dentro de uma oração” Terra (2002, p. 210), a palavra *mas*, assim como *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto*, é classificada como conjunção coordenativa adversativa que “indica oposição, contraste” pela maioria das gramáticas e manuais didáticos presentes nas salas de aula. Ainda de acordo com

Terra (2002), como exemplo de uma oração coordenada adversativa, teríamos “Pedro estuda, mas não aprende”. Nada mais, além disso, é dito sobre o funcionamento da conjunção “mas” no enunciado apresentado pelo autor.

A Semântica Argumentativa, por sua vez, estuda a palavra *mas* a partir da noção de operador argumentativo. Para Koch (1999, p. 17), os operadores têm como função relacionar semanticamente elementos no interior do texto, essenciais para a interpretação do texto. A pesquisadora afirma ainda que “A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos”.

Por conseguinte, a estudiosa (2007, p.32) apresenta que o operador *mas* pode fazer parte do grupo dos “Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: *mas (porém, contudo), embora (ainda que, posto que...)*”.

Vogt e Ducrot (1980) foram os primeiros estudiosos a abordarem de forma mais profunda o operador *mas*. Conforme esses estudiosos é possível diferenciar dois tipos de *mas*: um *masPA*, que funciona como operador argumentativo e um *masSN* que tem como função retificar algo que foi dito na proposição anterior. Os autores (1980, p. 102) explicam que o *masSN* tem como função retificar algo; sua posição no enunciado é sempre “depois de uma proposição negativa $p = \text{não-}p$ ”, e introduz uma determinação q que substitui a determinação p negada em p e atribuída a um interlocutor real ou



virtual”. Como exemplo, os autores destacam o seguinte enunciado “Ele não é inteligente, mas apenas esperto”.

Sobre o operador *masPA*, esses estudiosos (1980, p.104) afirmam que “[...] sua função é introduzir uma proposição *q* que orienta para uma conclusão *não-r* oposta a uma conclusão *r* para a qual *p* poderia conduzir”. Como exemplo para o exposto, os autores nos dão o seguinte enunciado “Ele é inteligente, mas estuda pouco”.

Assim, seja *Ele é inteligente* (*p*), essa proposição orientará o interlocutor para a conclusão *r* (possivelmente, *ele é muito estudioso*), no entanto, o *masPA* introduz uma outra proposição - *estuda pouco* (*q*), gerando, portanto, uma conclusão *não-r* que diverge da conclusão anterior *r* produzida pelo interlocutor.

Dessa forma, quando o locutor utiliza a estrutura *X, masY*, como em *Ele era o mais adequado para o cargo*, cria uma expectativa no interlocutor e possibilita que ele (o interlocutor) elabore uma conclusão (*r*). Ao introduzir o *mas*, essa conclusão é rechaçada/anulada e uma outra é exposta pelo locutor: *mas não foi o escolhido*. A autora denomina esse recurso de “estratégia do suspense”. Guimarães (1987, p.120) destaca que essa “[...] estratégia diz algo como para frustrar a expectativa criada pelo que se deu como o começo [...]”.

Para Ducrot (1988), o operador *masPA* é responsável pela orientação argumentativa do enunciado e ativa índice de polifonia. Ducrot (1988, p. 68) apresenta o seguinte exemplo construído com o *mas*, como em “Tenho vontade de passear, mas tenho dor nos pés”.

Analisando esse exemplo, percebemos os seguintes pontos de vista:

E1: Tenho vontade de passear; E2: Irei passear/ ao passeio; (conclusão *r*)

E3: Mas tenho dor nos pés;

E4: Não irei passear. (conclusão *não-r*)

É possível identificar quatro enunciadores ou pontos de vista nesse enunciado.

Vejamos que a partir do enunciado E1 é certo concluir E2 e que com base em E3 podemos concluir E4, que por sua vez será contrária à conclusão elaborada por E2. Nesse caso, podemos afirmar que o locutor responsável por esse enunciado assimila E1, identifica-se com os enunciadores E3 e E4 e rechaça E2, que foi a primeira conclusão produzida com base apenas na primeira proposição.

Em relação aos enunciadores, a sistematização apresentada por Ducrot (1988) propõe que o locutor L sempre rechaçará o enunciador E2. Em nossas análises ficou



comprovado que nem sempre isso acontecerá, pois em alguns momentos poderá haver um rechaço total, um rechaço parcial e até uma aprovação de E2, por parte de locutor L.

O MAS NA PRODUÇÃO TEXTUAL: ANÁLISES

Os textos para a nossa análise foram coletados entre os meses de fevereiro e março de 2009 e receberam o seguinte tratamento de análise: em um primeiro momento foram analisadas as funções semântico-argumentativas de cada operador e, em um segundo momento, verificamos a frequência com que os operadores apareciam, sendo realizada, posteriormente, a sua descrição.

Identificamos em nossas análises 129 ocorrências do operador *mas* com função argumentativa. No entanto, por motivo de espaço, apresentamos apenas 7 ocorrências nessa pesquisa. Como a posição do locutor em relação ao enunciador E2, em alguns casos, é diferente, dividimos a análise do *masPA* em três partes:

a) Ocorrências de *masPA* em que L rechaça parcialmente E2

Casos em que o locutor L rechaça totalmente o enunciador E2, verificamos 88 ocorrências. Apresentamos aqui apenas duas dessas ocorrências.

TEXTO 01:

[...] A adoção só resolveria o problema do menor abandonado no Brasil se todos eles estivessem fora das ruas em locais próprios para isso e se as famílias de todo o país se interessassem pela adoção, **mas** o que ocorre é que nem todos os menores estão em creches e hoje a parcela de famílias que estão dispostas a adotar ainda é muito pequena o que torna a adoção um meio pouco viável para resolver esse problema. (TT)₂

O locutor do texto 01 apresenta, a princípio, a adoção como uma ação possível para a resolução do problema apresentado pela grande quantidade de meninos que vivem nas ruas do país. Possivelmente ao usar o *se* o produtor já induza o interlocutor a pensar que a adoção não resolverá a questão, ao apresentar como argumento o fato de nem todos os menores estarem em abrigos.

Ainda assim, é possível que o interlocutor produza a conclusão de que, com base nesse primeiro enunciado, a adoção atenda aos menores abandonados, visto que nem todos estão em abrigos. Ao introduzir o operador *mas* e apresentar os argumentos de que nem todos os menores não estão em lugares apropriados para uma possível adoção e de que o número de famílias dispostas a adotar ainda é inferior ao número necessário para acabar com a quantidade de crianças abandonadas, o locutor leva o interlocutor a



concluir que a adoção não atende totalmente aos problemas dos menores abandonados.

Ou seja, o locutor não rechaça totalmente a primeira conclusão, mas parcialmente.

Representado através da polifonia dos enunciadores, temos:

E1: (...) se todos eles estivessem fora das ruas em locais próprios para isso e se as famílias de todo o país se interessassem pela adoção

E2: a adoção atende aos menores abandonados.

E3: **Mas** o que o corre é que nem todos os menores estão em creches e hoje a parcela de famílias que estão dispostas a adotar ainda é muito pequena

E4: a adoção não atende totalmente aos menores abandonados.

O locutor L responsável pelo enunciado identifica-se com E1 e com E4, aprova o ponto de vista de E3 e rechaça parcialmente o ponto de vista de E2.

TEXTO 02:

[...] Se considerarmos que os pais adotivos sejam capazes de dar aquilo que a constituição rege, será ótimo, **mas** o problema é que nem todas as pessoas sejam comovidas, já que o custo de vida de uma criança é altíssimo. (TP)

O locutor do texto 02 apresenta o argumento que, se levarmos em consideração que os pais candidatos no processo de adoção sejam responsáveis, será ótimo. A partir dessa consideração, pode-se concluir que a adoção é uma ação que resolve o problema dos menores abandonados.

Mas o locutor apresenta outro argumento, o de que nem todas as pessoas se comovem com os meninos abandonados e partem, então, para uma adoção, pois o custo de vida é muito alto. Ou seja, há outros motivos que são responsáveis pela não-adoção de crianças. Mas é importante observar que o fato de “nem todas” as pessoas se comoverem, implica pensar que algumas pessoas se comovem e adotam. Logo, esse ato não resolve a questão do menor abandonado, mas constitui uma ajuda a esse problema.

Analisando polifonicamente, teremos:

E1: Se consideramos que os pais adotivos sejam capazes de dar aquilo que a constituição rege, será ótimo.

E2: A adoção soluciona o problema do menor abandonado.

E3: **Mas** o problema é que nem todas as pessoas sejam comovidas, já que o custo de vida de uma criança é altíssimo.

E4: A adoção não soluciona totalmente o problema do menor abandonado (pois nem todas as pessoas adotam)

O locutor do enunciado aprova o ponto de vista de E3, rechaça parcialmente E2 e identifica-se com E1 e E4.

b) Ocorrências de *mas*PA em que L rechaça completamente E2



Casos em que o locutor L rechaça totalmente o enunciador E2, verificamos 41 ocorrências. Apresentamos somente duas dessas ocorrências.

TEXTO 03:

[...] Há vários casais que querer adotar **mas** são impedidos pelas burocráticas leis, e assim crianças continuarão sem família e sem amor. (TP)

Na ocorrência do texto 03, o fato de haver muitos casais desejando/querendo adotar uma criança, leva o interlocutor a concluir que haverá muitas adoções, sendo possível propiciar a esses menores um lar, alimentação e, sobretudo, carinho e amor.

Quando o operador *mas* é introduzido na segunda proposição, o enunciado vai orientar o interlocutor a elaborar uma conclusão que não será oposta àquela já elaborada, ou seja, a nova conclusão será a de que “haverá poucas adoções”, pois, devido à burocracia existente no meio jurídico, em relação à adoção de menores, conclui-se que muitas crianças continuarão esperando serem adotadas, ficando assim sem um lar, carinho, amor etc. A adoção, nesse caso, mostra-se como algo que não resolverá essa questão.

Nessa ocorrência desse operador, teremos a seguinte distribuição dos pontos de vista:

E1: Há vários casais que querer adotar.

E2: Haverá muitas adoções. (conclusão r)

E3: **Mas** são impedidos pelas burocráticas leis.

E4: Haverá poucas adoções. (conclusão não-r)

O locutor L, aqui, aprova E3, identifica-se com os pontos de vista E1 e E4 e rechaça E2.

TEXTO 04:

[...] na verdade muitas delas não usufruem até porque as condições em que vivem não as favorecem para que esses direitos sejam gozados. Em geral elas pertencem a uma classe menos favorecida. **Mas** tudo isso pode ser mudado, quando houver mais impenho por parte da sociedade como um todo, buscando uma igualdade visando melhor distribuição de renda que pode transformar tudo isso para melhor. (TT)

Quanto à ocorrência do operador *mas*, no texto 04, esse contrasta duas porções textuais, levando a conclusões opostas. O primeiro parágrafo ao expor o problema do desrespeito aos direitos da criança levaria o interlocutor à conclusão de que não há solução para o abandono de menores no Brasil. No entanto, com os argumentos expostos no segundo parágrafo, apresenta-se uma conclusão segundo a qual é possível uma solução para o problema do menor abandonado no Brasil.

Polifonicamente, temos:



- E1: As condições em que vivem não as favorecem para que esses direitos sejam gozados.
 E2: As crianças não terão futuro melhor. (conclusão r)
 E3: **Mas** tudo isso pode ser mudado quando houver mais impenho por parte da sociedade [...]
 E4: As crianças terão um futuro melhor. (conclusão não-r)

No texto 04, o locutor se posiciona da seguinte forma: aprova E1, identifica-se com E3 e E4 e recusa totalmente E2.

c) Ocorrências de *masPA* em que L aprova E2

No decorrer do processo de análises do nosso *corpus* identificamos apenas uma ocorrência do operador *masPA*, cuja utilização demonstra que o locutor não rechaça parcialmente ou completamente o enunciador E2, pelo contrário, o locutor o aprova.

TEXTO 05:

É indispensável do governo uma reforma na base dessas crianças, investir seriamente em projetos de ação social e mobilizar a população para ajudar. **Mas**, ao invés disso, o governo está investindo milhões e milhões na reforma e construções de estádios de futebol para podermos realizar a copa do mundo de futebol de 2014 em nosso país. (TP)

De forma crítica, nessa ocorrência do texto 05, o locutor apresenta o argumento de que é necessário, por parte do governo, um investimento sério no que se refere à educação, saúde e ação social. A conclusão que o interlocutor pode elaborar a partir dessa posição do locutor é de o governo pode ajudar a resolver esse problema dos menores abandonados.

Ao introduzir o operador *mas*, o locutor do texto lança mão de outros argumentos como por exemplo o fato de o governo está investindo milhões de reais na construção de estádios de futebol, visando à copa do mundo de 2014, que orientarão o seu interlocutor à elaboração de uma outra conclusão. Uma vez que o governo investe em construções grandiosas, deixando de ajudar a solucionar a problemática dos menores abandonados, esse problema tende a crescer. Ou seja, o governo não ajuda a resolver o problema dos menores abandonados porque está investindo em outras coisas.

Em relação a essa ocorrência, identificamos a seguinte representação na polifonia dos enunciadores:

- E1: É indispensável do governo uma reforma na base dessas crianças, investir seriamente em projetos de ação social e mobilizar a população para ajudar.
 E2: O governo pode ajudar a resolver o problema dos menores abandonados.
 E3: **Mas**, ao invés disso, o governo está investindo milhões e milhões na reforma e construções de estádios de futebol para podermos realizar a copa do mundo de futebol de 2014 em nosso país.
 E4: O governo não ajuda a resolver o problema do menor abandonado (porque ele está investindo em outras coisas)



Especificamente nesse caso, o locutor apresenta um posicionamento diferente daqueles elencados e previstos por Ducrot (1988). Aqui, como é possível perceber, L se identifica com E1 e E4, e aprova tanto o ponto de vista de E3 quanto o de E2.

Ressaltamos, entretanto, que um único caso encontrado no nosso *corpus* é ainda insuficiente para estabelecermos quaisquer conclusões definitivas. Esse caso merece, assim, maior aprofundamento e investigação, sobretudo, em outros gêneros textuais.

O *mas*SN Conforme visto em Ducrot e Vogt (1980), o *mas* pode ter a função de retificar algo dito anteriormente no enunciado, nesse caso, estaremos nos referindo ao *mas*SN.

No decorrer da nossa análise, identificamos apenas 18 ocorrências dessa estrutura com esse funcionamento. Por limitação de espaço, trouxemos para nossas análises apenas duas dessas ocorrências.

Cabe aqui ressaltar que, conforme fora dito anteriormente, a polifonia presente no enunciado com *mas*SN não é ativada por esse elemento, mas pela partícula negativa *não*, presente no primeiro segmento do enunciado.

TEXTO 06:

O problema do menor abandonado **não** se restringe à ausência de fraternidade, de um lar, **mas** de educação e disciplina. [...] É necessário que as leis sejam cumpridas e que os órgãos competentes dêem aos menores **não** somente um lar, **mas** lhes assegurem também a educação, respeito e dignidade. (TP)

O uso do *mas* com função de retificador é o que ocorre no exemplo do texto 06. Analisando esse exemplo, nos reportamos à questão da negação polêmica. Nesse caso, trata-se de um *mas*SN que refuta ou retifica algo dito antes. Conforme afirmaram esses autores, o *mas*SN ocorre com a presença de uma partícula negativa na primeira proposição, como em “[...] não se restringe [...]” e é introduzido na segunda proposição com o objetivo de retificar aquilo que fora dito anteriormente, ou seja, na primeira proposição. Nesse caso, o que é retificado é a ideia do problema do menor abandonado estar restrita “à ausência de fraternidade, de um lar”. É interessante observar que, ainda que o *mas*SN esteja desempenhando uma função de retificar ou refutar algo, é possível identificar vários pontos de vista.

Vejamos a distribuição do enunciado, em relação aos enunciadores:

E1: O problema do menor abandonado se restringe à ausência de fraternidade, de um lar.

E2: O problema do menor abandonado **não** se restringe à ausência de fraternidade, de um lar.

E3: **Mas** de educação e disciplina.



O locutor L assume a seguinte posição: rechaça E1, aprova E2 e se identifica com E3. Em relação à segunda ocorrência, por tratar-se de uma estrutura *não somente ... mas também* (que não faz parte do nosso objeto de análise), não faremos a distribuição polifônica, ainda que seja possível, conforme vimos em Martorelli (2005).

TEXTO 07:

No Brasil é comum darmos aos problemas o tratamento mais superficial, e geralmente não como uma forma de prevenção, mas sim como solução trivial. A adoção, na maioria dos casos, **não** resolve o problema da criança, **mas** sim do casal. (TP)

No texto do exemplo 07, o *mas* introduzido na segunda proposição, serve para retificar a ideia ou o fato de que a adoção é uma medida que resolve os problemas das crianças que vivem na rua. No ponto de vista do locutor, a adoção resolve o problema do casal. Como já foi destacado anteriormente, a proposição anterior vem sempre com uma partícula negativa.

Polifonicamente, teremos a seguinte estrutura para os enunciadores:

E1: A adoção resolve o problema da criança.

E2: A adoção, na maioria dos casos, **não** resolve o problema da criança.

E3: **Mas** sim do casal.

O locutor rechaça parcialmente E1, aprova E2 e se identifica com E3. Nesse caso específico, observamos que o rechaço ao E1 não é total, visto que o locutor utilizou a expressão “na maioria dos casos”, ou seja, em alguns poucos casos a adoção resolve o problema das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nessas análises e na quantidade de ocorrências, é pertinente afirmar que os alunos utilizaram de forma eficiente, na maioria dos casos, o operador *mas* com função argumentativa. É ainda oportuno afirmar que, na grande maioria das ocorrências analisadas, o *masPA* foi introduzido para desenvolver uma argumentação não totalmente contrária à adoção quando vista como o único meio para resolver os problemas relacionados aos menores abandonados, ou seja, o locutor, nesse caso, rechaça parcialmente E2.

Quanto à utilização do *masSN*, identificamos apenas dezoito ocorrências do operador *mas* com essa função retificadora em todo nosso *corpus*. Esse dado demonstra que os alunos não mostram tanta familiaridade com essa estrutura em comparação com



o operador *mas*PA, com função argumentativa, verificada em 129 ocorrências. Talvez isso possa ser explicado pelas próprias características do texto de opinião, o qual pede/exige que os locutores argumentem em relação a um certo ponto de vista apresentado.

Por fim, ainda com base nas análises, consideramos ser de extrema importância que o professor tenha conhecimento suficiente da disciplina que leciona. Ensinar língua enquanto estrutura estática e abstrata, por meio de classificações de vocábulos e posições de palavras nas frases, em nada contribuirá para a formação de leitores e produtores textuais competentes, aptos a atuarem nos mais diversos ambientes da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **La argumentación en la lengua**. Versión española de Julia Sevilha e Marta Tordesillas. Madrid: Editora Gredos, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9 ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- _____. [1895-1975]. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 2002a. Tradução de Problemi poétiki Dostoiévskovo. [2 edição: 1997].
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão Técnica da Tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP, Pontes, 1987.
- _____. **Polifonia e Argumentação**: Conferencia del Seminario Teoria de la Argumentación y Analisis del Discurso. Cali, Universidad del Valle, 1988.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação**: um estudo de conjunções do Português. Campinas. São Paulo: Fontes, 1987.
- KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. **A coesão textual**. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARTORELLI, A. B. Peres. Operadores Argumentativos em Língua Espanhola. In: SILVA, Joseli Maria da; ESPINDOLA, Lucienne (organizadores). **Argumentação na língua** – da pressuposição aos Topoi. João Pessoa: Editora Universitária, 2005. P. 85-110.
- TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática**. São Paulo: Scipione, 2002.
- VOGT, Carlos; DUCROT, Oswald. **De *magis* a *mas***: uma hipótese semântica. In: VOGT, Carlos: **Linguagem, Pragmática e Ideologia**. São Paulo: HUCITEC, 1980. P. 103 -128.

